

# Um olhar sobre o Brasil: como Eliane Brum retrata o Brasil e os brasileiros

## Ana Resende Quadros

Universidade Federal de Juiz de Fora.  
Mestranda em Comunicação pela  
Universidade Federal de Juiz de Fora.  
Graduada em Comunicação Social –  
Jornalismo pela Universidade Federal de  
São João del-Rei.

E-mail: anarquadros@gmail.com

## Luiz Ademir de Oliveira

Universidade Federal de São João  
del-Rei. Tem pós-doutorado em  
Comunicação Social pela Universidade  
Federal de Juiz de Fora. Doutor e Mestre  
em Ciência Política pela Sociedade  
Brasileira de Instrução (SBI/Iuperj).  
Mestre em Comunicação Social pela  
Universidade Federal de Minas Gerais  
e graduado em Comunicação Social –  
Jornalismo pela Universidade Federal de  
Juiz de Fora.

E-mail: luizoli@ufsj.edu.br

## Paulo Roberto Figueira Leal

Universidade Federal de Juiz de Fora.  
Doutor em Ciência Política e Sociologia  
pelo Iuperj. Mestre em Ciência Política  
e Sociologia pelo Iuperj. Graduado em  
Jornalismo pela Universidade Federal do  
Rio de Janeiro.

E-mail: pabeto.figueira@uol.com.br

**Resumo:** A mídia exerce um papel central na nossa sociedade. Ela, como um dos pilares da comunicação contemporânea, influencia a forma como compreendemos o mundo, a nós mesmos e ao grupo ao qual pertencemos. Devido às mudanças que o Brasil passou nos últimos cinco anos, este artigo propõe revisitar conceitos clássicos e contemporâneos do imaginário do País – propostos por Freyre, Hollanda, Souza, Schwarcz e Starling – e compará-los com o que é divulgado por uma das principais jornalistas brasileiras, Eliane Brum. O objetivo é avaliar de que forma a percepção de Brasil descrita pela jornalista se aproxima ou se afasta das propostas pelos estudiosos. Para atingir essa meta, foi feita uma análise de conteúdo, aos moldes de Laurence Bardin, dos textos publicados por Brum em 2019, em especial aqueles nos quais as palavras Brasil e brasileiro/a (s) eram mais utilizadas.

**Palavras-Chave:** Brasil; Comunicação; Imaginário; Jornalismo; Eliane Brum.

### A vision of Brazil: how Eliane Brum portrays Brazil and the Brazilians

**Abstract:** The media plays a central role in our society. It is one of the pillars of contemporary communication and influences the way we understand the world, ourselves and the group to which we belong. In face of the fact that Brazil has gone through several changes in the last five years, this article reviewed concepts from the country's classic and contemporary imaginary conception – proposed by Freyre, Hollanda, Souza, Schwarcz and Starling – and compared them with those expressed by one of the main Brazilian journalists, Eliane Brum. The objective was to evaluate how the perception of Brazil registered by the journalist differs from that of the aforementioned authors. To achieve this goal, texts published by Brum in 2019, underwent content analysis of Laurence Bardin, focusing on those in which the words “Brasil” and “Brasileiro/a(s)” were used more.

**Keywords:** Brazil; Communication; Collective Imaginary; Journalism; Eliane Brum.

## Introdução

O Brasil se encontra em uma crise democrática. Apenas 20% dos brasileiros acredita na democracia. Ao menos é isso que aponta uma pesquisa divulgada em janeiro de 2020 pela Universidade de Cambridge (SCHOSSLER, 2020). O fenômeno que acontece no mundo todo desde 2005 não afetou o Brasil durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (entre 2003 e 2010), porém, de acordo com a pesquisa, atingiu seu auge no país com as revelações da Operação Lava Jato, que culminou na prisão de dezenas de lideranças políticas, principalmente do PT e do MDB, e de empresários, acusados de corrupção e recebimento de propinas em contratos, em especial da Petrobras.

As eleições de 2014, ano em que teve início a Lava Jato, já mostraram um país com forte polarização, descrença nas instituições políticas e o prenúncio de uma forte crise econômica, que culminou no aumento expressivo do desemprego. Neste clima que Dilma venceu a eleição contra Aécio Neves, numa das disputas mais acirradas desde a redemocratização. Dilma Rousseff foi deposta da Presidência da República em 31 de agosto de 2016, quando houve a votação final no Senado sobre o pedido de impeachment contra a petista.

Em 2018 as eleições foram ainda mais polarizadas. Considerado uma figura excêntrica e sem chances de se eleger presidente, tendo sido chamado pela Folha de S.Paulo de “franco-atirador” (A UM..., 2017), o contexto político favoreceu para que Bolsonaro (PSL) surpreendesse e vencesse a eleição, mesmo sem ter uma frente partidária de apoio. Entretanto, com um ano de governo, Bolsonaro é um dos presidentes com menor aprovação popular. Segundo pesquisa divulgada pelo Datafolha, em dezembro de 2019, Bolsonaro era aprovado por 30% da população, taxa inferior a Fernando Henrique Cardoso (41%), Luiz Inácio Lula da Silva (42%) e Dilma Rousseff (59%). Além disso, 55% da população acredita que a crise vai demorar a passar, 53% não acha que o presidente se porta de forma condizente com o cargo, 80% diz desconfiar das declarações de Bolsonaro e 39% vê uma piora da imagem do Brasil no exterior (BALTHAZAR, 2019).

Dadas estas circunstâncias e as teorias construcionistas que, como explica Traquina (2001), acreditam que as notícias são construídas pelos processos entre agentes sociais e que, além de fatos, fornecem maneiras de interpretá-los. Sendo, como afirma Lima (2004), a própria mídia um ator político, considera-se relevante avaliar como figuras midiáticas importantes retratam o Brasil contemporâneo. Para este estudo, foi escolhida a jornalista Eliane Brum. Desde 2013, ela se dedica a escrever colunas quinzenais para o jornal global *El País*, com textos traduzidos para o espanhol e compartilhados nas versões do jornal para a Europa e para o restante da América, sendo reconhecida como uma das principais jornalistas brasileiras.

Neste artigo, será feita uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin (2011). Com base em uma análise qualitativa e quantitativa, esta pesquisa tem a intenção de comparar as visões de Brasil fornecidas pela academia e aquela que é disseminada pela jornalista ao longo dos textos publicados por ela em 2019.

## Uma sociedade em construção

Uma das principais características da sociedade é sua capacidade de transformação. Pelo menos é nisso que acreditam teóricos do construcionismo, como Berger e Luckmann (1998). Para eles, o mundo é composto de diversas realidades e as compreensões delas podem entrar em choque. Os autores acreditam que a mais fundamental é a percepção da vida cotidiana, pois é nela que se exige o máximo da consciência do homem comum. Essa realidade é apresentada ao indivíduo pronta e varia conforme o meio em que ele está inserido. Nós incorporamos o que nos é apresentado antes que tenhamos tempo de influenciar a realidade.

Os autores enfatizam que, por mais que a realidade cotidiana possa ser alvo de diversas interpretações, existe um senso comum do qual todos fazem parte e compartilham, apesar das experiências individuais. Para que ocorra a transferência de todos esses conhecimentos (objetivação), é preciso fazer uso da linguagem. Além da linguagem estabelecida nas relações face a face, existe a linguagem por meio de sinais, que é influenciada pelo fator tempo, assim, uma arma que em outros tempos era símbolo da caça, hoje passa a ser símbolo de violência.

Berger e Luckmann (1998) acreditam que a linguagem é o mais importante sistema de sinais inventado pelos humanos. Ela é o que permite a compreensão da realidade e da vida cotidiana, a interação com os semelhantes, além de se destacar da relação face a face e permitir que se fale de assuntos que não foram vividos ou não fazem parte da realidade direta do indivíduo.

Da mesma forma, o “eu” só pode ser compreendido levando-se em conta o contexto social em que foi formado. Assim, não existe uma essência humana boa ou má, já que a natureza humana é construída a partir das relações sociais. Para os autores, a realidade objetiva tem por base ações que se repetem até se tornarem hábitos, ganham nomes, ou seja, são tipificados, e então são institucionalizados. A institucionalização, por sua vez, poupa os indivíduos de tomarem decisões, pois as tomam baseados na tradição.

A institucionalização pode ser completa ou parcial. Ela é completa quando todos os problemas e realidades dos indivíduos são compartilhados, e é parcial quando os indivíduos têm apenas um conjunto de problemas em comum. Nesse caso, apenas esse conjunto é institucionalizado.

A transmissão desses conhecimentos implica o uso de ferramentas de controle e legitimação. Uma delas são os papéis sociais, relacionados à divisão do trabalho e à ordem social. Também são ferramenta as regras de conduta e controle e as sanções que punem aqueles que não seguem as normas.

Os autores explicam que as objetivações sociais são interiorizadas pelas pessoas, e essa assimilação é que constrói a identidade do indivíduo. Isso quer dizer que a identidade é construída a partir do mundo objetivado e depende da posição do indivíduo dentro do grupo. Para que isso aconteça, o indivíduo deve passar por socializações.

Esta, por sua vez, ocorre em duas fases: a socialização primária e a secundária. A primeira é feita na infância, período em que o indivíduo constrói sua identidade a partir do que ele não é. Ele é apresentado ao mundo por “outros significativos” (família) com os quais se identifica e isso é essencial, pois não é interiorização sem identificação (BERGER; LUCKMANN, 1998).

A personalidade é, para os autores, uma fusão da identidade atribuída pelos outros (objetiva) e a autoidentificação (subjativa). A criança não escolhe seus outros significativos e, portanto, também não escolhe sua visão de mundo, que passa a ser compartilhada por eles e pela família. É na socialização primária que a criança passa a ter o sentimento de pertencimento a um grupo, já a socialização secundária acontece durante toda a vida do indivíduo nas instituições das quais fizer parte. Seus conhecimentos têm maior chance de não serem conservados, já que não estão associados a questões emocionais.

Como a socialização nunca está completa, é preciso pensar em maneiras de conservação da realidade. Isso pode ocorrer de duas maneiras: por meio da conservação rotineira, ligada à vida cotidiana; e pela conservação crítica, usada nos momentos de crise. As técnicas usadas para manter a realidade nesses momentos críticos podem envolver rituais e até o uso de força (Ibid.). Os autores acreditam que a maneira mais fácil de se manter a realidade é por meio da conversa.

É por meio das conversas que são instituídas as crenças. Manheim (2007 citado por LEGROS *et al.*, 2007) destaca a diferença entre dois tipos de crença: a ideologia e a utopia. A primeira acontece quando os indivíduos alinham um tipo de pensamento com seus próprios interesses, preservando o *status quo*. A segunda acontece quando há uma pressão por mudança do que está estabelecido. Os indivíduos baseiam suas ações nas representações imaginativas do mundo, que mudam conforme o tempo. Também não é possível pensar que, por estarem inseridos em uma mesma cultura, todos pensarão da mesma maneira. Passado e futuro existem virtualmente no presente.

Na mesma toada, Mauss, também citado por Legros *et al.*, indica que o símbolo tem maior valor que o pensamento, uma vez que o imaginário estende sua influência sobre a vida social já que a consciência é antes “um sistema de contagens simbólicas” que engloba a atividade do espírito e as técnicas do corpo e das propriedades impessoais de onde provêm todos os tipos de autoridade (LEGROS *et al.*, 2007: 84).

Legros *et al.* (2007) lembram o poder dos mitos na construção do imaginário. Os autores citam Bataille e sua crença de que nem a ciência, nem a arte, nem a ação prática são capazes de dar sentido à existência e que os significados que atribuímos aos sentimentos é dado pelos mitos, entendido com ele como a realização de um projeto de destino. O mito só pode se dar na relação com a sociedade.

O sagrado seria o fundamento absoluto da vida social. Nenhum grupo de indivíduos pode, de fato, segundo esta perspectiva, achar sua substância sobre a base única das interações sociais recíprocas comandadas por imperativos materiais e sua tradução sobre o plano da ideologia secular. O conceito de sobressocialização é dado para evocar uma tendência natural de toda a comunidade de sacralizar o máximo possível, a fim de aumentar sua grandeza e sustentar, eficazmente, sua ação e seus projetos (LEGROS *et al.*, 2007: 88-89).

Essa tendência à sacralização, de acordo com Caillois (citado por LEGROS *et al.*, 2007), pode ser passada para líderes políticos. A partir do momento em que eles são sacralizados, suas decisões e atitudes são tidas como infalíveis, estando ele acima das fraquezas humanas. Esse seria um exemplo de como social e simbólico estão intrinsecamente relacionados. Segundo Legros *et al.* (2007), são os símbolos que ajudam na construção da memória coletiva.

### **O papel da comunicação na construção simbólica**

Dada esta realidade, a mídia exerce um papel central na construção dos imaginários. Adriano Duarte Rodrigues (1990) afirma que os meios de comunicação desempenham um papel central na nossa sociedade, para o autor, a instância comunicativa midiática passa a ser mediadora da vida social. Fazendo uma intermediação dos outros campos sociais, o discurso midiático assume uma natureza exotérica, ou seja, constrói-se como um discurso de fácil compreensão dos repertórios dos demais campos simbólicos. Uma das estratégias para atingir esse objetivo é o uso de metáforas. A mídia abarca:

[...] todos os dispositivos, formal ou informalmente organizados, que têm como função compor os valores legítimos divergentes das instituições que adquiriram nas sociedades modernas o direito a mobilizarem autonomamente o espaço público, em ordem à prossecução dos seus objetivos e ao respeito dos seus interesses. (RODRIGUES, 1990: 152)

Braga (2011) aponta três razões pelas quais é possível considerar a mídia como central na sociedade moderna. A primeira delas seria que os meios de comunicação, em especial os audiovisuais, foram os responsáveis para a percepção social de que a sociedade conversa consigo mesma, ou seja, para a objetivação

do objeto comunicação. O segundo ponto elencado pelo autor são os processos comunicacionais provocados pelos meios de comunicação social (MCS), capazes de produções de sentidos compartilhadas por toda a sociedade. Grande parte do que se comunica na contemporaneidade, seja sob o aspecto quantitativo ou de relevância, é feito por meio dos MCS.

Pela primeira vez na história, uma sociedade se dotou de um vasto aparato tecnológico-empresarial-cultural-mítico voltado especificamente para (ou proposto expressamente como sendo para) veiculação de mensagens e para a produção de efeitos de fruição estética ou de entretenimento. Ao mesmo tempo, por sua dimensão, complexidade e diversidade de ações e poder intrínseco, este aparato não pode ser visto como inteiramente a serviço de uma outra determinada ordem de objetivos e processos sociais. (BRAGA, 2011: 68)

Essa produção de mensagens e efeitos faz com que a mídia se aproprie de funções antes pertencentes a outros campos sociais e, para Braga, esse é o terceiro fator que atesta a centralidade midiática. Para o autor, os MCS incluem tudo que conseguem representar em sua narrativa. Ao fazerem isso, os meios penetram nos processos sociais, alterando-os conforme sua própria lógica. Esse conjunto de fatores permite afirmar que vivemos em uma “sociedade de comunicação” ou “sociedade mediática”.

Nesse contexto, Braga (2006, 2011) defende que é necessário ressaltar a interação entre mídia e sociedade, ao contrário do que fazem alguns pesquisadores ao atribuírem aos produtos midiáticos muito mais poder do que de fato possuem. Ou seja, é preciso frisar que não apenas a relação da mídia com os demais campos sociais se alterou, mas também houve mudanças na própria mediação. Atualmente, as práticas interacionais não estão restritas à mídia de massas. Entende-se, agora, o receptor como um sujeito que também é ativo no processo comunicacional. Braga (2012: 36) ressalta que “o surgimento das novas tecnologias crescentemente disponibiliza possibilidades de midiatização para setores ‘não-midiáticos’”. Cria-se, assim, um fluxo contínuo de comunicação, no qual as mensagens são criadas com o foco nas respostas esperadas ou pretendidas.

É importante também enxergar, como Williams (2011), os meios de comunicação como sendo meios de produção. Para o autor, a comunicação é indispensável tanto para as forças produtivas como para as relações sociais, uma vez que, como a sociedade, estão em constante transformação. Para entender a mídia dessa forma é preciso compreender, entre outras coisas, que ela é muito mais do que um dispositivo para troca da informação e mensagens.

Chauí (2006) acredita que os meios de comunicação em massa podem exercer tanto poder econômico quanto ideológico, isso porque são empresas privadas e fazem parte de uma indústria que institui o espaço e o tempo públicos. Para a autora, os meios de comunicação são o centro de disseminação da ideologia capitalista, camuflando-a por meio da ideologia da competência. Esta, por sua vez, consiste em dar a um grupo de pessoas a autoridade de falar sobre determinado tema, sendo a maior delas aquele capaz de interpretar os acontecimentos, ou seja, o comunicador. Segundo Chauí, os meios de comunicação têm:

[...] a capacidade máxima de fazer acontecer o mundo. Ora, essa capacidade é a competência suprema, a forma máxima de poder: o de criar a realidade. E esse poder é ainda maior (igualando-se) ao divino quando graças a instrumentos técnico-científicos, essa realidade é virtual ou a virtualidade é real. O poder ideológico-político se realiza como produção de simulacros. (CHAUÍ, 2006: 78)

Esse pensamento se aproxima do de Bourdieu (1997) quando ele afirma que os poderes, em especial as instâncias governamentais, exercem pressão sobre o jornalismo. Uma das maneiras usadas para tanto são as pressões econômicas,

por exemplo, mas também a restrição de informações. Apesar de estar sujeito a sanções, a legitimidade do campo jornalístico permite que ele influencie outros campos. Ademais, internamente, os jornalistas podem ter mais ou menos autonomia dependendo da posição que ocupam. Bourdieu (1997) acredita que, quando jornalistas fazem parte de dois campos sociais, sua influência se amplia. Para o autor, estar ciente da influência que exerce e da que sofre são essenciais para a transformação social.

### **Brasil: um país de contrastes**

Ao longo dos anos, a sociedade brasileira passou por muitas transformações. Freyre (2004a) foi o primeiro a estudar a construção do Brasil; uma de suas principais marcas é sua visão de que a origem das mazelas nacionais não estaria na miscigenação, mas no modelo de colonização ao qual fomos submetidos, com latifúndios, monocultura e pecuária. Para o autor, o país passou por um período de feudalismo à brasileira. Nesse sistema, o senhor de engenho agrega em suas mãos todos os poderes.

Esse quadro só se altera, segundo Freyre (2004b) com a vinda da família real para o Brasil, em 1808. Esse processo de modernização do país é tratado por Freyre como a chegada do Estado e, assim como a abertura dos portos (ou chegada do capitalismo), deu início à Revolução Burguesa no Brasil. O autor aponta que nesse momento os brasileiros passaram a seguir modelos franceses e ingleses em vez dos portugueses.

Entretanto, diferente do que ocorreu nos países europeus, aqui primeiro mudaram-se as instituições e depois, os valores. O patriarca, acostumado ao domínio completo sobre os filhos, a esposa e os escravos, perdeu seus poderes paulatinamente ao longo do século XIX, momento no qual, para o autor, as mulheres tiveram seu lado romântico despertado e os jovens garotos passaram a ser valorizados.

Já Holanda (1987) vê nossa origem portuguesa como a grande mazela brasileira. Os portugueses instauraram entre nós uma civilização de raízes rurais, na qual as cidades, diferentemente de todos os outros lugares do mundo, são dominadas pelas propriedades rurais, já que não existe uma burguesia urbana independente. Os Senhores de Engenho eram a mola da riqueza e do poder na colônia, o que gerou uma predominância do privado sobre o público.

Essa é uma das principais características apontadas por Holanda (1987) que provocaram nosso fracasso. Seríamos homens cordiais, ou seja, pessoas regidas por sentimentos e emoções no lugar na razão. Essa predisposição para o lado sentimental foi levada aos órgãos estaduais, dando origem ao patrimonialismo.

A visão desses dois autores é criticada por Souza (2009), para ele, as ideias de Freyre tomaram conta do senso comum, fazendo crer que os brasileiros são capazes de unir os contrários, sendo o povo do encontro cultural, da unidade e da diversidade. Enquanto Holanda teria tomado conta do que pensam os acadêmicos sobre o Brasil: um povo regido pela emoção e não pela racionalidade.

Souza (2009) acredita que a identidade nacional brasileira fez com que nos imaginemos com autocomplacência. Criou-se, para o autor, uma fantasia compensatória que nos torna cegos aos problemas atuais. Dessa forma, apaga-se a divisão de classes e seus conflitos. Ao fazermos isso, somos incapazes de crescer, estando condenados a seguir convenções ideológicas cegamente.

Schwarcz e Starling (2018) defendem uma visão nem tão pessimista nem tão otimista do Brasil, para as autoras, o país é marcado por contrastes. Ao mesmo tempo que é sim um lugar onde se predominou a mistura de etnias e culturas, também é uma nação

fundada na violência. Como apontava Freire, existem diferenças entre o racismo no exterior e o nacional. Aqui, segundo Schwarcz e Starling (2018) há uma porosidade na fronteira das cores. É por essa razão que ocorre um embranquecimento daqueles que estão em classes sociais superiores e vice-versa, mesmo que a realidade biológica não seja correspondente. Essa porosidade é acentuada pela intensa mestiçagem que caracteriza o Brasil. “Construída na fronteira, a alma mestiça do Brasil – resultado de uma mistura original entre ameríndios, africanos e europeus –, é efeito de práticas discriminatórias já centenárias, mas que, ao mesmo tempo, levaram à criação de novas saídas” (SCHWARCZ; STARLING, 2018: 15).

Entretanto, ao invés de reconhecermos quem somos e buscarmos essas saídas, as autoras explicam, assim como já haviam dito Lima Barreto e Sérgio Buarque de Holanda, que os brasileiros querem negar quem são e esperar por soluções milagrosas. Uma das formas de fazê-lo seria colocar nossa identidade sempre em xeque.

Ainda assim, as autoras acreditam que algumas percepções do senso comum do que é ser brasileiro devem mudar. Elas criticam a abordagem que nos coloca como um povo pacífico e avesso à violência, o que seria ignorar o fato de que o Brasil, ainda que tenha uma forte presença da desigualdade social, também “luta com tenacidade para construir valores republicanos e cidadãos” (Ibid.: 18).

Na visão de Brasil das autoras, somos um país onde reina a dualidade. Nossa construção se baseou no sistema escravocrata, no qual a violência era predominante assim como a luta por liberdade. Na ditadura de Vargas não havia liberdades individuais, mas houve um avanço nos direitos sociais, uma das provas de que aqui se valoriza os direitos sociais em detrimento dos direitos políticos. Essas experiências fizeram do Brasil um lugar ambíguo, onde violência e democracia convivem lado a lado.

### **Eliane Brum**

Eliane Brum é uma das mais reconhecidas jornalistas brasileiras, com textos publicados em veículos nacionais e internacionais. Por 11 anos trabalhou no jornal gaúcho Zero Hora, para o qual escreveu os textos que deram origem, mais tarde, ao livro *A vida que ninguém vê*.

Durante 10 anos, Eliane foi repórter da *Revista Época*, em São Paulo. A partir de 2010, ela passou a atuar como *freelancer* e, desde 2013, assina uma coluna quinzenal no site do jornal *El País*. Ao longo de sua carreira, escreveu seis livros, sendo cinco deles de não ficção. Como jornalista, recebeu mais de 40 prêmios.

Com um olhar que enxerga o invisível aos olhos comuns, Brum fez reportagens que dão lugar de notícia a temas que seriam ignorados pelos noticiários, chamados por ela de desacontecimentos.

O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir a verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. [...] cada Zé é um Ulisses. E cada vida uma Odisseia. (BRUM, 2006: 187)

Rozendo e Mega (2014) comparam o olhar da jornalista ao de João do Rio, para os autores, os dois funcionariam de maneira complementar. Ele fazendo um “diagnóstico” da miséria e ela trazendo a esperança de que um dia todos serão vistos como iguais. Ambos com o olhar voltado para aqueles que não têm espaço nos noticiários e reportando suas realidades de maneira distinta da que é vista nos jornais diários.

Eles não se prendem à objetividade e à imparcialidade jornalística, tanto que muitas de suas narrativas são escritas em primeira pessoa. Além disso, possuem

formas de relato que humanizam os personagens ao expor seus sentimentos, medos e aflições; enxergando-os como protagonistas e não como “coisas”. (ROZENDO; MEGA, 2014: 14)

Mais inovador ainda, para Fonseca (2013), é falar do outro usando o eu. A pesquisadora explica que Eliane Brum, em suas reportagens, quebrou as barreiras impostas pelo Positivismo ao jornalismo. Eliane Brum não esconde sua parcialidade. A autora observa que a jornalista, muitas vezes, utiliza a primeira pessoa, dando voz ao outro por meio de seu olhar, ela é apenas uma testemunha que dá o depoimento do que aconteceu com o outro.

Contudo, o trabalho de Brum mudou significativamente, em especial no ano de 2019, quando se dedicou a falar mais sobre o contexto político brasileiro. Um dos indicativos dessa mudança foi sua nomeação e vitória no prêmio Comunique-se 2019 na categoria “Nacional – mídia escrita”, destinado a jornalistas que atuem na editoria de política nacional. Em 2018 ela havia ganhando o mesmo prêmio na categoria “Colunista de opinião”<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Informações disponíveis em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/politica/1536703299\\_432497.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/politica/1536703299_432497.html) e <https://premio.comunique-se.com.br/ShowMateria.aspx?idMateria=vPDeoYodhdPm86ZQyVwUxg==>. Acesso em: 22 jan. 2019.

Nesse contexto, este artigo se propõe a fazer uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin (2011) das colunas publicadas por Eliane Brum ao longo do ano de 2019. O objetivo é averiguar qual imagem a autora constrói do país e se ela é condizente ou destoante da imagem apresentada pelos pensadores apresentados neste artigo. As principais categorias a serem avaliadas serão a violência, a emoção e a passividade no Brasil.

### Como Brum olha o Brasil

Um dos primeiros pontos a serem observados é que o Brasil é um tópico constante das colunas de Eliane Brum. O nome do país, bem como os termos brasileiro ou brasileiros, foram utilizados em todas as colunas analisadas. Outra recorrência comum a todos os textos é a referência ao presidente da república, que também é citado em todas as colunas publicadas por Brum em 2019.

Com o fim de exemplificar a imagem retratada pela jornalista ao longo de seus textos, foram selecionadas cinco colunas escritas por Eliane Brum para o *El País* em 2019. Essa seleção foi feita com base em uma análise quantitativa do uso dos termos Brasil e brasileiro(s), portanto, foram selecionados os textos com maior proporção entre a recorrência das palavras e o número de total de parágrafos. Assim, serão feitas análises qualitativas dos seguintes artigos: “Ei, Bolsonaro, até o pênis está diminuindo”, de 20 de junho, com 26 menções em 23 parágrafos; “O ‘mártir’ governa”, de 25 de abril, com 20 menções em 18 parágrafos; “Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter”, de 7 de março, com 18 menções em 21 parágrafos; “Quem mandou matar Marielle? E por quê?”, de 14 de março, com 46 menções em 55 parágrafos e “Bolsonaro manda festejar o crime”, de 28 de março, com 34 menções em 42 parágrafos.

No texto que mais menciona os termos chave, “Ei, Bolsonaro, até o pênis está diminuindo”, Eliane Brum tenta chamar a atenção do presidente da república. Ela questiona seus leitores se alguém poderia informar Jair Bolsonaro de que uma pesquisa feita na Itália comprova que um agrotóxico proibido no mundo, mas liberado no Brasil, afeta o pênis, deixando-o menor e mais fino, além de diminuir a fertilidade masculina e aumentar a presença de hormônios femininos nos homens.

A chamada feita pela jornalista questiona o fato de Bolsonaro não se importar com o aumento da liberação de agrotóxicos feita em seu governo em níveis, segundo ela, nunca antes vistos. Em contrapartida, o chamado “antipresidente” se importaria com o tamanho do pênis de japoneses, por exemplo. Aqui, como escreveu Holanda (1987) observamos uma presença da esfera privada na vida pública, ressaltada pela jornalista ao escolher essa abordagem. Também se observa no texto de Brum um exemplo de como a emoção rege o brasileiro, como afirma o pesquisador.

O bolsonarismo tem intoxicado o Brasil de tantas maneiras. As relações interpessoais foram envenenadas, as redes sociais estão contaminadas, as pessoas sentem o ódio como um sintoma de uma doença persistente. A violência da eleição, seguida pelo governo que mantém o clima de guerra civil como estratégia de ocupação de poder, têm causado efeitos profundos na saúde física e mental das pessoas. Como o Brasil se colocou além das metáforas, porém, é preciso acordar em pé para o fato de que o governo Bolsonaro está também – e literalmente – envenenando a população. (BRUM, 2019e)

Escreve Eliane Brum, em um parágrafo que pode ser visto como um resumo que do que a jornalista tem tentado fazer com seus textos: denunciar o que ela enxerga como envenenamentos cotidianos infligidos pelo governo sobre a população que se materializa na forma de ódio e violência.

Também é possível perceber a crença de que no Brasil as emoções prevalecem perante a razão no texto “Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter”. Segundo a jornalista, o presidente não governa pela razão, com planos e metas, mas com a emoção, ou com “urros de quem pode urrar nas redes sociais” (BRUM, 2019a).

Outro dos argumentos usados pela autora para provar uma presença da emoção no governo é a relação familiar de Bolsonaro que se mistura à administração do país. Esse governo familiar é comparado por Brum a uma monarquia, em especial no âmbito digital, espaço no qual o pai compartilha e legitima o que os filhos dizem no Twitter. A autora defende que a gestão de Bolsonaro não é hábil, mas que ele se mantém no poder pela sua popularidade, posição esta que, acredita Brum, tentará ser mantida a qualquer custo, inclusive a manutenção da crise que assola o país.

Poderia ser uma contradição. Afinal, se a situação do Brasil não melhorar, não há popularidade que se mantenha. É preciso perceber, porém, que Bolsonaro faz parte de um fenômeno contemporâneo: as escolhas são determinadas pela fé, não pela razão. [...] As eleições e o cotidiano têm sido determinados por uma interpretação religiosa da realidade. A adesão pela fé é um fenômeno mais amplo e não necessariamente ligado a um credo, já que há muitos ateus que se comportam como crentes. E não só na política, mas em todas as áreas da vida. Esta é a marca deste momento histórico. (BRUM, 2019a)

Brum relata que até o carnaval foi atacado por Bolsonaro, que tentou associá-lo a indecência ao divulgar no Twitter um vídeo de um ato sexual que teria ocorrido durante um bloco. Para a jornalista, a postagem do vídeo é uma violência. Porém, apesar das fraturas que assolam o país, o Carnaval, segundo Brum, ainda é um ponto de união e reafirmação da identidade nacional, “esta que mostrou mais uma vez neste Carnaval o quanto pode ser transgressora, contraditória e insurreta” (BRUM, 2019a). Neste ponto, Brum converge com o discurso de Schwarcz e Starling (2018): o Brasil como um lugar de violência e resistência.

Entretanto, em “Quem mandou matar Marielle? E por quê?” a autora parece acreditar na prevalência da violência. Nos primeiros parágrafos do texto, Eliane Brum relembra as circunstâncias em que ficou sabendo da morte de Marielle Franco. Ela estava na Amazônia, mais especificamente no Pará, voltando da cidade onde a irmã Dorothy Stang fora assassinada em 2005, e também o padre Paulo Sérgio Almeida Nascimento, dias antes de Marielle. O homicídio do religioso é sintoma do aumento de violência ocorrido na região desde 2015, de acordo com o relato de Brum, violência esta que também chegava às periferias urbanas do país.

Essas mortes expressavam também como o Brasil arcaico, aquele que ganhou uma imagem eloquente no retrato oficial do primeiro ministério de Michel Temer (PMDB) – branco, masculino e reprodutor das oligarquias políticas – esmagava o Brasil insurgente que tinha avançado nos últimos anos, aquele que deslocava os lugares dos centros e das periferias, confrontava o apartheid racial não oficial, rompia com os binarismos de gênero, enfrentava o patriarcado com cartazes e peitos nus. (BRUM, 2019b)

Brum defende em seu texto que o assassinato de Marielle Franco, uma vereadora eleita, vai além da violência e dos genocídios com os quais o Brasil já convive. A jornalista escreve que desde 2014 tem usado muito a palavra “esgarçado” para definir o Brasil, mas o tecido social está rasgado demais para ser remendado.

Brum chegou a acreditar que um Brasil também morrera com Marielle. Neste texto, contudo, ela defende que, na verdade esse Brasil de múltiplas identidades representado pela vereadora carioca morrera em 2016, com a abertura do impeachment de Dilma, especialmente com o voto de Bolsonaro na Câmara. A jornalista relata que o então deputado fez apologia ao crime de tortura e não sofreu as consequências previstas em lei, sendo, assim, alçado à representante das “forças arcaicas” e alguém com grandes chances de se tornar presidente da República. Assim, percebe-se que, como Freyre (2004b), Brum acredita que as instituições no Brasil não são sólidas.

Essa crença é reforçada em “Bolsonaro manda festejar o crime”. Neste texto, Eliane Brum comenta a tentativa de Bolsonaro de celebrar o dia em que a ditadura militar se estabeleceu no Brasil. Para a jornalista isso significa que “uma tentativa de fraudar a história, apagando os crimes cometidos pelos agentes do Estado, está em curso” (BRUM, 2019c). Na visão de Brum, ao celebrar a violência e a opressão que caracterizaram a ditadura, Bolsonaro dá provas de que o Brasil de hoje trilha caminhos antidemocráticos.

Para comprovar seu argumento de que o país está se tornando um lugar de autoritarismo, a jornalista relata que opositores de Bolsonaro, chamado por ela de “antipresidente”, foram forçados a deixar o Brasil. Eliane Brum também usa falas de Bolsonaro para comprovar sua tendência à violência, como seu voto na abertura do impeachment de Dilma – quando saudou Brilhante Ultra, um conhecido torturador da ditadura –, ou quando disse em uma entrevista que o regime militar deveria ter matado 30 mil pessoas, e ainda o momento em que o então candidato ameaçou levar seus opositores para uma base da Marinha onde se torturava pessoas e se desovava cadáveres. Brum enfatiza que as atitudes e falas de Bolsonaro são tidas como aceitáveis no Brasil, coisa que não acontece em outros países. No Chile, a população protestou contra a vinda do presidente brasileiro.

Diante dos protestos, Bolsonaro afirmou: “Protestos assim existem onde quer que eu vá, mas o importante é que, no meu país, fui eleito por milhares de brasileiros”. Milhões, já que devemos respeitar os números. Para os brasileiros que o elegeram, a sugestão de que os ossos das mais de 200 pessoas desaparecidas do regime estão na boca de um cachorro foi – e continua sendo – aceitável. Não sentem nenhuma empatia pelos pais, mães, maridos, esposas e filhos que não têm sequer um túmulo onde chorar suas perdas. E que foram torturados por essa imagem de absoluto desrespeito. Mostram-se incapazes de compreender que um dia poderão ser os ossos de suas mães ou de seus filhos na boca do cachorro. Já os chilenos têm espanto. E têm vergonha. Vergonha por nós que aceitamos o inaceitável. (BRUM, 2019c)

Enquanto isso, no Brasil, as instituições não se demonstram fortes, na visão de Brum, perante as ameaças à democracia, nem seus adversários apresentam projetos para se oporem aos de Bolsonaro. Neste contexto, segundo Brum, a violência tende a se expandir e o ódio seguira sendo o combustível do governo.

Brum opina que a apatia dos que são contrários a Bolsonaro não pode permanecer. Ela lembra que nem mesmo os estadunidenses ultradireitistas apoiam Bolsonaro, e incentiva que o povo brasileiro siga exemplos internacionais como Nadya Tolokonnikova, a artista russa que enfrentou a ditadura de Putin, e Greta Thunberg, a adolescente sueca que é ativista do clima. Para a jornalista os brasileiros estão inertes, à espera do que virá, reforçando a tese de Holanda (1987) de que o brasileiro nega quem é e espera por um milagre.

Em “O ‘mártir’ governa”, trata com ironia esse ponto. O texto parte da repercussão que gerou um dos vídeos de Olavo de Carvalho, no qual o “guru” do presidente aponta que Bolsonaro é impedido de governar pelos militares e por aqueles que não são tão bem-intencionados e limpos quanto ele. Brum também usa o termo “mártir”, adotado por Olavo de Carvalho, de forma irônica, para criticar ações do presidente, como acontece no parágrafo abaixo:

Na semana passada, o Mártir promoveu um encontro transmitido em uma “live” nas redes sociais, com indígenas escolhidos a dedo, onde assegurou, mais uma vez, que eles são humanos como ele. “Com todo o respeito, alguns querem que vocês fiquem na terra indígena como se fossem um animal pré-histórico. Não é pré-histórico não, vocês são seres humanos. Na minha cabeça tem exatamente o que tem na tua cabeça, o teu coração é igual ao meu coração”, garantiu. Aparentemente os indígenas tinham dúvidas sobre se eram humanos ou não até o Mártir, magnânimo como todo Mártir, esclarecer. (BRUM, 2019)

A estratégia da ironia também é usada na frase: “Mas o Brasil continua sendo uma democracia”, utilizada para finalizar cinco dos 18 parágrafos do texto. A expressão é usada para encerrar parágrafos ou sequências de parágrafos nos quais Brum descreve ações do governo que considera antidemocráticas, um dos focos da jornalista são as questões ambientais. Variações da frase são usados por outras sete vezes, demonstrando a insatisfação de Brum com o governo que considera autoritário.

### **Considerações finais**

Ao longo da análise dos textos, pudemos perceber que o Brasil é um tema caro à Eliane Brum e que a visão do país e seus habitantes expressa pela autora se aproxima em vários pontos às visões clássicas. Em primeiro lugar, observa-se que a jornalista fala constantemente das emoções que influenciam no governo, em especial o ódio. Essa percepção está de acordo com o que escreveu Sérgio Buarque de Holanda, que classificou os brasileiros como sendo cordiais, ou seja, que agiam com base nos sentimentos no lugar da razão.

Também como Holanda (1987), Brum observa um Brasil que não age frente aos seus problemas, preferindo ignorá-los, fingir que não existem. Há também uma percepção de que o privado está presente na vida pública do brasileiro quando Brum relata a constante interferência da família do presidente nas ações do governo. Ao mesmo tempo que Brum vê o patrimonialismo apontado por Holanda, ela também vê uma sociedade patriarcal, como descrita por Freyre (2004a, 2004b).

Nas colunas da jornalista, o presidente da república é citado em todos os textos e, embora ela critique sua habilidade como governante, ela associa sua liderança à de um monarca quando chama seu governo de bolsomonarquia. Essa associação condiz com a descrição de Freyre do poder dos senhores de engenho e a forma feudal com que governavam o país.

Contudo, Brum discorda de Freyre quando o assunto é a violência. Neste ponto ela se aproxima dos estudos de Schwarcz e Starling (2018). A jornalista retrata um Brasil onde reina a desigualdade social, no qual a violência está presente principalmente contra indígenas, negros e nas áreas periféricas. Ela também descreve o país como sendo um lugar de diversidade e capaz de resistência, de insurreição.

Brum parece acreditar que o Brasil está perdendo pontos de sua identidade, ao escrever que o Carnaval seria um dos únicos pontos que ainda nos une como brasileiros. Essa desunião seria, de acordo com ela, fruto da administração de Bolsonaro, que ela classifica como autoritária e antidemocrática. A jornalista clama para que os brasileiros se unam em oposição a esse movimento. Contudo, de acordo com Schwarcz e Starling (2018), o Brasil tem uma longa tradição de ditaduras e costuma priorizar os direitos sociais, abrindo mão dos direitos políticos.

Eliane Brum parece unir, em seus textos, parte de todas as visões sobre o Brasil estabelecida pelos pensadores do país. O Brasil de Brum é movido pelas emoções e assolado pela violência. Ele se compara a outras nações e busca por sua identidade. Em seu retrato, os brasileiros são capazes tanto da inércia quanto da rebeldia. Brum retrata um Brasil de frágeis instituições que estão ameaçadas por um autoritarismo que mescla ditadura e monarquia, um país que, para ela, precisa seguir exemplos do estrangeiro e lutar para não perder direitos. O Brasil de Brum é um lugar de violência e resistência.

### Referências

- A UM ano do pleito. *Folha de S.Paulo*, 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2017/10/1923239-a-um-ano-do-pleito.shtml>. Acesso em: 4 abr. 2018.
- BALTHAZAR, R. Reação da economia freia perda de popularidade de Bolsonaro, diz Datafolha. *Folha de S.Paulo*, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/12/reacao-da-economia-freia-perda-de-popularidade-de-bolsonaro-diz-datafolha.shtml> Acesso em: 30 jan. 2020.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRAGA, J. L. Constituição do campo da comunicação. *Verso e Reverso*, São Leopoldo, v. 25, n. 58, 2011.
- BRUM, E. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.
- BRUM, E. Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter. *El País*, 2019a. Disponível em: <http://bit.ly/2IYY6zD>. Acesso em: 2 jan. 2020.
- BRUM, E. Quem mandou matar Marielle? E por quê?. *El País*, 2019b. Disponível em: <http://bit.ly/2XUbo3D>. Acesso em: 2 jan. 2020.
- BRUM, E. Bolsonaro manda festejar o crime. *El País*, 2019c. Disponível em: <http://bit.ly/2HHKGXh>. Acesso em: 2 jan. 2020.
- BRUM, E. O “mártir” governa. *El País*, 2019d. Disponível em: <http://bit.ly/2IFqHZs>. Acesso em: 2 jan. 2020.
- BRUM, E. Ei, Bolsonaro, até o pênis está diminuindo. *El País*, 2019e. Disponível em: <http://bit.ly/2ZtvOjU> Acesso em: 2 jan. 2020.
- CHAUÍ, M. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- FONSECA, I. A. Guinada subjetiva no jornalismo: um olhar opaco em direção às narrativas da repórter Eliane Brum. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus. *Anais [...]*. Manaus: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013. p. 1-15. Disponível em: <https://bitly.com/ouhlf>. Acesso em: 3 ago. 2016.
- FREYRE, G. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49. ed. São Paulo: Global, 2004a.

FREYRE, G. *Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 49. ed. São Paulo: Global, 2004b.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 19. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

LEGROS, P. et al. *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LIMA, V. A. Sete teses sobre mídia e política no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 61, p. 48-57, 2004.

RODRIGUES, A. D. *Estratégias da comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade*. Lisboa: Presença, 1990.

ROZENDO, S.; MEGA, V. M. A humanização dos relatos em João do Rio e Eliane Brum: observação e consonância que perpassam o tempo. *In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA – “MÍDIA E MEMÓRIAS DO AUTORITARISMO”, 3., 2014, Rio de Janeiro. Anais [...].* Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. Disponível em: <https://bityli.com/R3ZRX>. Acesso em: 2 ago. 2016.

SCHOSSLER, A. Brasil vive crise democrática, aponta estudo. *DW*, 2020. Disponível em: <https://p.dw.com/p/3X2AE>. Acesso em: 30 jan. 2020.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. *Brasil: uma biografia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, J. *Ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

TRAQUINA, N. *O estudo do jornalismo no século 20*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

WILLIAMS, R. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.